

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

MICHELE ALMEIDA DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA EM UMA UNIDADE PRODUTIVA
AGRÍCOLA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE BUTIÁ - RS**

Arroio dos Ratos

2013

MICHELE ALMEIDA DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA EM UMA UNIDADE PRODUTIVA
AGRÍCOLA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE BUTIÁ - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito final para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Dal Soglio

Co-orientadora: Tutora MS Patrícia dos Santos Pinheiro

Arroio dos Ratos

2013

MICHELE ALMEIDA DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA EM UMA UNIDADE PRODUTIVA
AGRÍCOLA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE BUTIÁ - RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito final para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof(a). Dr(a). Fábio Dal Soglio
Orientador
UFRGS

Prof(a).
UFRGS

Prof(a). Dr(a).
UFRGS

Arroio dos Ratos, _____ de _____ de 2013.

AGRADECIMENTOS

Lembro do dia em que fui prestar o vestibular para o PLAGEDER, sete de junho de 2009, no polo de Arroio dos Ratos/RS. Estava apreensiva, pois já havia algum tempo que não me preparava para vestibulares, mesmo assim recorri a antigos resumos, e lá fui. O meu sentimento era uma mistura de alegria e ansiedade por estar tendo uma nova oportunidade, por fazer uma prova e ao mesmo tempo, sentia que ia dar certo. E assim, conforme o meu pensamento, meu nome estava na lista dos aprovados.

Daquele dia em diante, sabia que teria que ser fiel ao meu propósito, que era de ir até o final, e aqui estou com o meu trabalho de conclusão de curso escrito, agora pensando em agradecer.

Agradeço ao meu companheiro Marcelo, que nestes últimos quatro anos se demonstrou paciente à minha causa, pelas muitas vezes que precisei me ausentar para dar conta dos estudos.

Agradeço à minha filha Anna Kalú, pela compreensão, pelas vezes que pedia para brincar, a mamãe respondia que não podia, pois estava estudando.

Agradeço à minha filha Anna Manôa, que nasceu no decorrer do curso, em maio de 2011, e que muito participou das aulas, na barriga e ainda no bebê conforto, pelos momentos que contribuiu para eu dar continuidade nas atividades e não desistir.

Agradeço aos meus avôs, Inelino e Anita, e Tita (*in memorian*), que em alguns momentos cuidaram da Anna Kalú para eu poder ir assistir as aulas no polo.

Agradeço aos colegas, pelo companheirismo e bons momentos vividos durante o curso.

Agradeço à tutora presencial, Fátima Tassoni, pela disposição em sempre nos receber ou atender a questionamentos.

Agradeço aos professores, pois sem a dedicação deles, em preparar nosso curso, não estaríamos nesta etapa final.

Agradeço ao meu orientador Fábio e à minha co-orientadora Patrícia pela disposição em orientar neste último trabalho.

Agradeço à família de produtores familiares a qual realizei este trabalho, por terem me recebido e prestado as informações para a elaboração deste.

RESUMO

A agricultura de base ecológica tem sido objeto de estudo de diferentes frentes sociais, visto as pessoas, de um modo geral, terem a expectativa de ao aderirem ao consumo de seus produtos estarem mais seguros em relação à alimentação. No estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no município de Butiá/RS, vimos destacar, dentro de um grupo de produtores familiares, a produção de uma família em específico, que atua e desenvolve seus trabalhos na agricultura com base em um método produtivo alternativo ao convencional, que é o método de base ecológica. Muitos são os autores que tratam do tema agricultura de base ecológica, e com base nesses, buscou-se refletir sobre as motivações do produtor familiar para trabalhar com a agricultura de base ecológica. Como método, buscou-se a percepção de atores envolvidos, integrantes e atuantes no meio rural selecionado para este estudo. Como resultado percebeu-se que a família destacada nesse estudo, por diversas vezes, enfrenta dificuldades para continuar com a opção escolhida, devido a diversos fatores como não dar conta da demanda de mercado, tamanho dos alimentos produzidos, menor quando comparado aos convencionais, falta de mão de obra, mas mesmo assim, por terem suas inúmeras motivações particulares, não deixa de trabalhar e gostar do que fazem.

Palavras-chave: Agricultura de base ecológica. Produtores familiares. Unidade Produtiva Agrícola (UPA).

ABSTRACT

Basic ecological agriculture has been the subject of study of different social sites, as people, generally speaking, have the expectation to join the consumption of their products will be more secure in relation to food. In the State of Rio Grande do Sul, more specifically in the municipality of Butiá/RS, we highlight, within a group of family producers, the production of a specific family, which operates and develops its work in agriculture based on a productive alternative to the conventional method, which is the method of ecological basis. Many are the authors that deal with the theme of agriculture ecological basis, and based on these, more specifically in the dissertation of Juliane Marques de Souza (2009), who served with the theme environmental perception of ecological Citrus Cooperative Ecocitrus-Vale do Caí, Rio Grande do Sul, sought to reflect on producer motivations familiar to work with basic ecological agriculture. As a method, the perception of elements and actors, and active members to rural areas selected for this study. As a result it was noticed that the family highlighted in this study often faces difficulties to continue with the chosen option, due to various factors such as low productivity, food produced, size smaller when compared to conventional, lack of manpower, but even so, for its numerous private motivations, work and like what you do.

Keywords: agricultural ecological base. Family producers. Agricultural production unit (UPA).

LISTA DE ABREVIATURAS

ABART - Associação Butiaense de Artesões.

APAE - Associação de Pais e Amigos Excepcionais.

CEASA - Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

IDHM-E – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Educação.

IDHM-L – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Esperança de Vida.

IDHM-R – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Rendimento.

INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social.

Km - Quilômetro.

Km² - Quilômetro quadrado.

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário.

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos.

PIB - Produto Interno Bruto.

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar.

RS - Rio Grande do Sul.

SIMBU - Sindicato dos Servidores Públicos de Butiá.

SITIEML - Sindicato da Madeira e Lenha.

SMAMA - Secretaria de Agricultura e Proteção ao Meio Ambiente.

UF- Unidade Federativa.

UMOSIC - União do Movimento Sindical e Comunitário.

UPA – Unidade Produtiva Agrícola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Butiá - RS.....	24
Figura 2: Topografia do Município de Butiá - RS.....	25
Figura 3: Feira do produtor rural de Butiá - RS	27
Figura 4: Semeadeiras da UPA do produtor rural familiar de Butiá - RS.....	29
Figura 5: UPA do produtor rural familiar de Butiá - RS.....	29
Figura 6: Feira na UPA do produtor rural familiar de Butiá - RS.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DEBATE ATUAL SOBRE O TEMA.....	15
2.1 A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E AS MUDANÇAS NOS PADRÕES TECNOLÓGICOS.....	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
4 O MEIO, A PROPRIEDADE E OS ATORES.....	24
4.1 CONHECENDO A PROPRIEDADE FAMILAR.....	28
5 DISCUSSÃO/RESULTADOS.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES.....	46
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AO PRODUTOR FAMILIAR.....	47
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AO TÉCNICO (PREFEITURA E / OU EMATER).....	48
APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.....	49

1 INTRODUÇÃO

Semanalmente, melhor dizendo, às quintas-feiras, nota-se certo movimento de pessoas, homens, mulheres e crianças, a pé ou de carro, ainda às vezes de bicicleta, frequentando determinada propriedade rural, localizada próximo ao centro do município de Butiá/ RS. Tal agito deve-se ao dia que antecede a feira municipal de produtores familiares do município, em que os moradores daquela propriedade se ocupam em colher, limpar e organizar as verduras e legumes da horta para a venda no outro dia.

Como os produtos daquela família fazem sucesso, a família ficou conhecida entre os moradores da pequena cidade, que na ânsia de comprarem seus produtos, e no receio de chegarem à feira da cidade e encontrarem a banca vazia (pois a feira se inicia logo às sete da manhã), criaram o hábito de no dia anterior ir à morada do agricultor para antecipar as compras da sexta-feira. Essa movimentação de pessoas, na feira improvisada no quintal dos agricultores, inicia no meio da tarde e se estende até o início da noite.

Mesmo tendo diversos estabelecimentos comerciais no município, como supermercados, mercadinhos e fruteiras, muitos moradores dão preferência por comprar os produtos diretos do produtor rural na feira. E o destaque do produtor familiar, sujeito desta pesquisa, deve-se ao modo de trabalho que desenvolve em sua propriedade, que é diferenciado da agricultura convencional.

A agricultura convencional, atualmente conhecida por produzir com auxílio de adubos e insumos químicos, melhoramentos genéticos e outros fatores oriundos de processos de modernização da agricultura, por outro lado tem contribuído para a popularização de alguns cultivos, acrescentando às refeições das pessoas os produtos olerícolas, apesar de também apresentar impactos negativos.

Esse processo de modernização no Brasil, por volta dos anos de 1960 e 1970, contou com o Plano Nacional de Planejamento Público, que focava um grande desenvolvimento em um curto espaço de tempo. Tal fato aconteceu de forma concomitante ao advento da Revolução Verde, fazendo a agricultura se voltar aos mercados de exportação. (FONTE)

A Revolução Verde caracterizou-se por um conjunto de transformações econômicas, sociais e tecnológicas, onde surgiram os primeiros maquinários agrícolas, que substituíram os trabalhadores que faziam atividades de forma manual. Os estudos científicos que desenvolveram e aprimoraram adubos e insumos químicos que, com o passar dos anos foram dando conta da necessidade de aumentos na produtividade, auxiliaram na redução do preço de venda de muitos itens produzidos, além do melhoramento e distribuição sobre novas técnicas

de plantio. Assim, o avanço tecnológico incrementou, em alguns pontos mundiais, a quantidade de produtos por hectare, ainda que concentrados em certos locais.

Porém, como consequência da implantação desses novos processos produtivos, surgiram sérios impactos ambientais àquelas regiões que foram atingidas pelos processos oriundos dessas inovações. Tais impactos causaram, e ainda causam o esgotamento dos recursos naturais, como solo e água, além de favorecer o aumento da temperatura na atmosfera.

Desse modo, grandes propriedades com monocultivos foram absorvendo espaços que antes eram utilizados por Unidades Familiares de Produção Agrícola, com produções diversificadas, e esses moradores passaram a migrar para os centros urbanos, gerando camadas de população em situação de pobreza e desemprego, conforme Conterato e Filippi, (2009).

É impossível deixar de mencionar que, mesmo com tantos recursos disponíveis em prol do desenvolvimento, ainda há fome, comunidades desfavorecidas, com má distribuição de renda e recursos básicos para a sobrevivência, como habitação, saneamento básico, acesso à saúde, e educação, que resultam em uma alta diferenciação social, onde os mais ricos têm os recursos básicos de sobra, e os menos favorecidos convivem com a falta dele.

Além disso, os processos que envolvem a agricultura, para a população do meio urbano que não convive diretamente com as práticas do meio rural, como o plantio e acompanhamento da lavoura, por exemplo, é algo secundário. O que realmente importa para muitos comerciantes e consumidores é encontrar os produtos, sejam eles *in natura*, ou já processados, nas prateleiras de supermercados e, além disso, acompanhar as variações de preços. Por outro lado, se o assunto é tratado com pessoas que estão conectadas aos acontecimentos do meio rural, entende-se que ter alimento na prateleira dos supermercados não é algo simples de se resolver, que a falta de determinado alimento, por exemplo, está relacionada às questões primordiais do rural, como excessos de sol e/ou chuva, compatibilidade do cultivo com o local de plantio, entre outros.

Desse modo, atualmente, a demanda por determinados tipos de legumes ou vegetais pode variar conforme o local: em regiões urbanas, onde os moradores buscam os supermercados para adquirir seus alimentos, ou em áreas rurais, onde ainda há a agricultura de subsistência, nas quais as pessoas produzem os alimentos que consomem; ou ainda conforme a época do ano, podendo ser relacionada às questões climáticas, como a falta de chuva no verão, ou ainda a geada, no período de inverno.

Assim, se faz necessário que os produtores, familiares ou não, fornecedores de alimentos para o consumo humano, sejam capazes de dar conta da demanda por alimentos, e para tanto, lançam mão da tecnologia a fim de acelerarem os processos produtivos e aumentarem a quantidade produzida, chegando assim à questão da modernização da agricultura. A demanda por alimentos é um fator impactante sobre a quantidade de alimentos produzidos, ainda que muitas vezes haja uma má distribuição da produção, embora ocorra de forma natural, como por exemplo, em regiões mais populosas, pode haver períodos de seca, e faltar àquela população determinado alimento, nos quais as condições naturais de solo e clima não permitam o plantio, ou ainda resultem em perdas nas safras.

Apesar de muitas vezes ver suprido o quesito quantidade de alimentos, esbarra-se na importância da qualidade do alimento produzido. Desse modo, não é possível dizer que um alimento perfeito na aparência, tamanho e cor seja adequado ao consumo. Os produtos da agricultura convencional são tratados à base de agrotóxicos e insumos químicos, e assim deixam a desejar na qualidade, e tem como ponto forte a quantidade e aparência dos seus produtos.

Assim, como um dos meios alternativos ao método convencional, considera-se que a base alimentar de origem ecológica é de importante significância, devido à qualidade do alimento produzido, que é livre de insumos e adubos químicos. Os benefícios desse tipo de alimento vão além do consumidor, pois esse sistema de produção é capaz de favorecer também a situação de trabalho do produtor rural que faz opção por este tipo de método produtivo, onde o processo é desenvolvido de maneira a favorecer e interagir com a natureza, não prejudicando o meio produtivo e o trabalhador rural, como se fosse uma questão de ação e reação, onde o produtor trata bem da terra e é favorecido com alimentos de superior qualidade, quando comparados aos resultantes dos métodos tradicionais de produção, com a utilização de insumos e adubos químicos.

Dessa forma, o curso de graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) oportunizou-me perceber o meio rural de uma forma a qual não se estava habituada e, tão pouco valorizada, pois pensava que quem produzia mais é quem fazia melhor. Através da evolução do curso, pude me inteirar a respeito da realidade no campo e do ambiente rural, aprendendo, através do acesso a leituras, aulas e observação, sobre o modo de vida que muitas pessoas, sejam do campo ou do urbano, tiveram ou tem, em alguma época de suas vidas.

No decorrer do curso, logo foi-se despertando para uma frente de produção a qual esta pesquisadora interessou-se, ligada à produção de base ecológica, e passou a direcionar,

sempre que possível, os assuntos aos quais tratava nos trabalhos acadêmicos essa questão. Durante o período das aulas, os temas que mais causaram interesse foram os ligados aos cuidados do solo, a questão da evolução do processo produtivo, e de como isso, mais tarde, poderia se revelar como uma progressiva agressão ao meio ambiente, e às pessoas ligadas à produção e ao consumo, além de descobrir que há métodos alternativos que são capazes de produzir alimentos mais saudáveis.

Com a intenção de contribuir para o avanço do desenvolvimento rural no município de Butiá/RS, gerando empregos, alavancando o comércio de alimentos de base ecológica e promovendo melhorias na alimentação da comunidade em geral, buscou-se uma propriedade familiar do município que exerce uma atividade com cultivo de alimentos, e utiliza para essa produção a base ecológica, a fim de refletir as questões apresentadas neste trabalho de conclusão de curso.

No município de Butiá - RS, a população de agricultores familiares conta com apoio técnico da Prefeitura local e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER, além de terem o sindicato rural e a associação dos participantes da feira.

A Unidade Produtiva Agrícola (UPA), referência para essa pesquisa, faz parte do grupo de produtores que frequenta a feira municipal, é uma propriedade familiar, localizada em área urbana do município de Butiá - RS, que está inserido na microrregião do Vale do Jacuí, região metropolitana da capital do Estado.

A UPA em questão já havia sido estudada e pesquisada em outras etapas do curso de graduação tecnológica PLAGEDER, e inclusive foi o local escolhido para desenvolver o Estágio Supervisionado I. E, assim apresenta-se a seguinte questão para reflexão: quais as motivações do produtor familiar para trabalhar com os métodos produtivos agroecológicos?

Esta pesquisa visa refletir acerca das razões que levaram uma família de produtores familiares do município de Butiá a fazerem a opção de trabalhar com agricultura de base ecológica, pois o tema é atual, favorece o desenvolvimento rural local e desperta curiosidade aos que não o utilizam, e os resultados do estudo talvez possam ser utilizados e aproveitados por outros produtores rurais familiares do município, que poderão avaliar a viabilidade de o aplicarem em suas propriedades.

O objetivo geral do estudo é refletir sobre as motivações do produtor familiar para trabalhar com os métodos produtivos de base ecológica. Para que isso seja possível é necessário atender aos seguintes objetivos específicos: identificar os fatores que incentivaram o produtor a trabalhar com a produção de base ecológica; e verificar a satisfação dos moradores da UPA em relação aos resultados produtivos e a situação comercial atual.

O trabalho está estruturado de modo a apresentar as dificuldades e oportunidades que o produtor familiar enfrenta em sua UPA de produção de base ecológica, o município no qual está localizada, Butiá - RS, além das considerações sobre esse sistema produtivo. Desse modo, foi possível refletir sobre os fatores que levaram o produtor às atuais condições no modo de vida e trabalho e os atores sociais envolvidos, a fim de saber se estão satisfeitos com os resultados obtidos, se gostariam de modificar algo, se têm interesse em expandir as atividades, entre outros. Em relação ao município de Butiá, foram analisadas as entidades envolvidas com a questão rural familiar, constatando-se de que forma favorecem o acesso da população interessada aos assuntos pertinentes às atividades rurais, e como são recebidos pelas famílias quando as procuram. Quanto ao município, procurou-se saber se há condições para o desenvolvimento rural dos produtores familiares, em especial os produtores que trabalham com a base ecológica.

O capítulo a seguir, “debate atual sobre o tema”, apresenta o foco deste estudo, os autores que tratam dos conceitos, assim como as visões destes se relacionam com a propriedade objeto deste estudo. No capítulo procedimentos metodológicos será apresentada a forma como se realizou a pesquisa, perante a Unidade Produtiva Agrícola e os atores sociais envolvidos. A seguir, no capítulo intitulado empírico, apresenta-se o município, sua localização no estado do RS e suas características, a propriedade e os atores envolvidos. Após, no penúltimo capítulo, tem-se as discussões e resultados, onde são retomados autores e conceitos utilizados, além do resultado de campo, com inserção da autora deste estudo. No último capítulo, considerações finais têm-se o debate sobre os dados coletados, informações e conceitos já dispostos nos capítulos anteriores.

2 DEBATE ATUAL SOBRE O TEMA

A agricultura atualmente se apresenta em formas diferenciadas, com destaque para dois modos produtivos: a agricultura convencional, que utiliza adubos e insumos, que prima, em sua maior parte, pela produção em grande escala e o abastecimento da grande demanda; e a agricultura de base ecológica, que ainda é produzida em pequena escala, e está em processo de inserção à preferência do consumidor que, dependendo do local ou região onde for comprar, poderá pagar mais por um alimento mais saudável. O processo produtivo de base ecológica, que é o objeto de estudo deste trabalho, embasado em uma propriedade familiar, é um assunto atual, que instiga tanto agricultores, quanto pesquisadores, pois as razões para se manter ou aderir a um novo método são bastante diferenciadas e são alvo de debate por autores de diferentes contextos. Desse modo, o presente estudo se desenvolveu conforme diferentes perspectivas de autores, mediante as distintas condições sociais no decorrer dos tempos.

O modo produtivo atual tem se apresentado conforme os moldes do modernismo, e isso não atinge apenas os agricultores patronais, pois é considerável a produção dos agricultores familiares, que atualmente também lançam mão das tecnologias disponíveis e ainda são capazes de se destacar na questão de exportação de alimentos. Conforme Assad e Almeida (2004), o trabalho do produtor rural, distintivamente necessário para a geração de alimentos e artigos para atender as conveniências básicas da população, origina diversos desafios nas áreas ambiental, econômica, social, territorial e tecnológica. Para Paulus e Schlindwein (2001, p. 2):

As análises do processo de modernização da agricultura, assim como as críticas de suas conseqüências, partem, em geral, da idéia de "industrialização da agricultura", valendo-se não raro de uma analogia com as teorias de organização e administração da indústria (no caso, o modelo fordista). É necessário considerar, contudo, que a maneira pela qual a agricultura se engendra é muito diferente da lógica da produção industrial moderna, não sendo, portanto, somente anterior a esta. Poder-se-ia mesmo argumentar que, ainda que hoje tenhamos uma cultura industrial, a origem da nossa civilização resulta muito mais de uma cultura agrícola do que propriamente industrial. Isso não significa desconhecer que, a partir de determinado momento, a forma de organização da produção industrial (fordista) viesse a ser incorporada pela agricultura. Não se pode negar que, com a aplicação da revolução industrial na agricultura, esta encontrou uma forma de produção mais eficiente – e, aparentemente, mais eficaz – em seus propósitos produtivistas.

Desse modo, como dizem Assad e Almeida (2004), podem ser mencionados diversos desafios. No ponto de vista ambiental, há dificuldade em alcançar métodos produtivos que

sejam capazes de não dependerem de recursos não naturais; na questão econômica, se faz necessário reduzir ao máximo as perdas, encurtando a cadeia produtiva e mantendo a qualidade do produto; no âmbito social, há a necessidade de desenvolver métodos produtivos capazes de tornar digna, formal e remunerável a atividade do trabalhador rural. Já territorialmente falando, os autores consideram que seria relevante que a atividade do produtor fosse capaz de integrar-se de maneira harmoniosa ao espaço no qual atua; e, por fim, os autores se referem que tecnologicamente, há o desafio de inovar, de modo que os processos impactem menos sobre o meio ambiente, e ainda assim sejam capazes de manter inalteradas as condições do que se quer e o que se pode produzir.

Ao pensar sobre uma forma diferenciada, alternativa ao modo de produção convencional da agricultura, em uma primeira impressão, conforme Marques (2009) é possível perceber dois modelos de produtores rurais que fazem parte da multiplicidade desta cena: aquele que vê na forma diferenciada um meio de modificar o meio na qual está inserida a sua propriedade, novos métodos de trabalho, a partir de um entendimento mais arranjado ao meio ambiente, assim como os pontos de vista socioeconômicos relacionados, e aqueles que procuram, nesse novo modelo, um novo segmento do mercado, iniciando pela modificação do método produtivo, com a troca do método atual. E, conforme a mesma autora, Marques (2009, p. 17):

Essa tipificação inicial mostra-se útil à medida que torna o empírico racionalizável, ou seja, facilita a aproximação do pesquisador com o objeto a ser estudado. Cabe salientar que com isso não se pretende engessar a realidade, uma vez que esses “tipos” podem ser desdobrados quantas vezes forem necessárias para dar conta de uma diversidade de manifestações.

Marques (2009) afirma que os distintos modelos de arranjo social vão então surgir de distintos padrões de atores sociais, dos mais interessados, aos mais desligados, e que de igual forma iriam induzir o acontecimento, comunicando, ajustando e modificando ao término os atos e as consequências. Assim, as motivações para se trabalhar um novo método produtivo, como no caso o de base ecológica, são altamente influenciáveis pelo meio, pelas experiências, ou até mesmo a falta dele. Pode ser ainda por questão de oportunidade e/ou ocasião, onde os indivíduos envolvidos trabalharão com base nos seus interesses, e ainda que seja levado em conta o tempo que tem disponível para o retorno, ou seja, para o resultado, que em casos de transição, o processo poderá ser ainda mais demorado. De acordo com Marques (2009, p. 47):

Uma vez que a percepção passa pelo útil, pela realidade circundante útil, e por isso torna-se norteadora e motivadora das atitudes dos sujeitos, essas atitudes passam a ser, então, consequências observáveis das percepções internalizadas. Nesse sentido, podemos sumarizar afirmando que, além das sensações captadas pelos mecanismos perceptivos, o meio influencia diretamente na construção das percepções que vão se refletir posteriormente nas atitudes dos sujeitos. Nem as percepções, sem as atitudes são estáticas, e, por conseguinte, sofrem constantes modificações ao longo do tempo.

Motivação, entusiasmo, amor ao trabalho são peças fundamentais para um empreendimento dar certo, porém não são os únicos requisitos necessários para isso. No caso da agricultura familiar, além do chefe da família, os demais integrantes da família devem estar em sintonia com o interesse familiar, e, além disso, é de suma importância que se tenham disponíveis recursos favoráveis aos interesses da propriedade.

Os recursos aos quais se referem são políticas públicas de apoio ao produtor, ao agricultor familiar, que podem ser tanto providas do município, quanto do Estado, ou ainda de origem federal, que apoiem as atividades exercidas e deem suporte às tomadas de decisões. Através do aporte de políticas públicas e intervenção de autoridades locais nas diferentes camadas da sociedade, do consumidor ao produtor, talvez seja possível uma mudança de hábitos, com perspectiva de melhorias e desenvolvimento a nível rural e social.

O governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que executa as políticas para o desenvolvimento da agricultura familiar, gerencia o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Nestes programas, um dos requisitos para o produtor familiar ter acesso é que a UPA faça parte da área rural determinada pelos planos diretores municipais. Tais programas encontram-se disponíveis aos agricultores interessados do município.

Além dos incentivos governamentais, a troca de experiência entre os agricultores é de grande valia, pois dessa forma os produtores sanam dúvidas, trocam experiências positivas e negativas, e ainda podem incrementar seus negócios, com base nas atividades e projetos já desenvolvidos por outros agricultores. Desse modo, os agricultores podem se reunir e fundar organizações capazes de dar conta das necessidades de seu grupo de participantes.

2.1 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E AS MUDANÇAS NOS PADRÕES TECNOLÓGICOS

A modernização da agricultura conseguiu dar conta da demanda por produtos, aumentando os níveis de produtividade. Conforme Martins, Guterres e Viana (2011), esse

acontecimento acabou por favorecer os grandes produtores e acarretou no encarecimento dos métodos produtivos para os agricultores familiares. Conforme Paulus e Schindwein (2001), não se pode negar que, com a aplicação da revolução industrial na agricultura, esta encontrou uma forma de produção mais eficiente – e, aparentemente, mais eficaz em seus propósitos produtivistas -, mas gerou grandes problemas sociais e ambientais.

Segundo Machado et al. (2008), as políticas de manejo dos recursos vegetais têm se alterado acentuadamente nos últimos anos, em decorrência dos fortes impactos sociais e ambientais provocados pelos modelos de desenvolvimento agrícola vinculados essencialmente a finalidades econômicas. Talvez seja por esse fato que muitas famílias que trabalham com produções diversificadas, de legumes e verduras, por exemplo, têm se tornado dependente de insumos e adubos químicos para estabilizar a quantidade produzida, porém esse fato leva a se pensar sobre o alimento produzido e a qualidade deste.

Quando o produtor busca outras formas de produção além da convencional, e faz a opção de trabalhar com uma produção de base ecológica, é necessário que ele se disponha ao período de transição. A transição refere-se ao momento em que o agricultor opta por diminuir o uso dos insumos e fertilizantes químicos, introduzindo na lavoura os adubos orgânicos, até o momento em que use apenas os recursos naturais para trabalhar com a terra.

Conforme Paulus e Schindwein (2001, p. 4):

Invariavelmente, as discussões em torno das possibilidades e da necessidade de alteração do padrão tecnológico da agricultura causam a impressão de que, concluído o processo de transição na agricultura, esta inexoravelmente se encontraria em uma nova condição, comumente qualificada de "sustentável", de conotação acentuadamente positiva, ainda que absolutamente nada possa garantir isso. Há que se reconhecer, além disso, que o entendimento que se tem sobre o que seria uma agricultura "sustentável" não é homogêneo, ainda que alguns consensos em torno de suas características gerais possam ser identificados.

Após o período de transição, é preciso haver a manutenção dessa base de produção ecológica, com diversificação dos métodos utilizados, ainda que se mantenha o uso de recursos naturais para a adubação.

Ainda com base na cartilha de Martins, Guterres e Viana (2011), algumas práticas e técnicas para Produções de Base Ecológica são possíveis de serem aplicadas, para auxiliar os agricultores no desenvolvimento de qualidade de vida e manutenção do seu meio produtivo, a terra. Por isso, é importante haver também uma base teórica, com técnicas já estudadas e testadas a nível científico, para que possam ser apresentadas como referência de um acontecimento aos produtores familiares interessados. Ou seja, quando um produtor buscar

auxílio, ou tiver dúvida em alguma etapa do período de transição, é interessante aos técnicos ter uma ampla base de recursos e conhecimentos sobre a técnica aplicada, a fim de esclarecer as dúvidas na ocasião da prática.

Desse modo, uma UPA pode alcançar ideais como autonomia, que é a capacidade de um sistema se sustentar, atender as demandas internas ao seu espaço, e sustentabilidade, a qual considera que o meio atuante haja em conjunto com os recursos naturais disponíveis, possibilitando que essa troca seja infinita.

Conforme apresenta Guzmán (2001), a Agroecologia possui um caráter social, auxiliando-se de perspectivas da sociedade, ligadas ao uso dos recursos disponíveis no ambiente, motivo pelo qual é vista também como uma ciência de base sociológica. E ainda, para Caporal e Costabeber (2002, p.14):

A Agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas.

Caporal e Costabeber (2004) indicam ser fundamental levar em conta, também, que o exercício da agricultura mobiliza a área social ligada a processos econômicos. Dessa forma, qualquer estudo que tiver por base somente a tecnologia, ou estiver focado na mudança da forma convencional da agricultura, poderá resultar na origem de novas organizações sociais e de novas maneiras do homem se relacionar com a natureza e seus meios. Além disso, esses estudos podem favorecer a intervenção do homem, mais ou menos ativa, em relação a sua independência, fazendo valer seus direitos de cidadão. Tal ideia está em concordância com o que apresentam Assad e Almeida (2004), já disposto anteriormente.

Conforme Fernandez e Garcia (2001), para haver sustentabilidade na agricultura é necessário que as pessoas tenham um modo de pensar e agir mais equilibrados, que exerçam uma relação com a natureza de parcerias, um auxiliando ao outro e não que simplesmente o homem retire da natureza seus recursos, como se fossem inesgotáveis. A harmonia entre o técnico, que busca distribuir conhecimento, e o agricultor, que almeja desempenhar bem o seu papel, que é plantar e ter o que colher, é conquistada dia após dia, assim como se fosse recuperar um solo desgastado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme o exposto no capítulo anterior buscou-se uma bibliografia que fosse capaz de dar conta do tema principal, a agricultura de base ecológica, e que auxiliasse na reflexão acerca das motivações da família e demais atores sociais envolvidos para trabalharem com um método produtivo alternativo ao convencional. Visto que as motivações para quaisquer atores, mesmo tendo um só produto como referencial, são distintas, agricultores, técnicos, pesquisadores, autores, consumidores, cada indivíduo vê com olhos diferentes a mesma questão. Desse modo, o atual estudo embasou-se na reflexão da percepção ambiental obtida na unidade produtiva agrícola objeto deste.

Neste capítulo, foram verificados autores que, em diferentes pontos de vista, concordando ou não sobre um mesmo conceito, fundamentam o tema em pauta. Além da referência teórica, a reflexão embasa-se também na análise de dados coletados de diferentes atores sociais que contribuem para a existência da UPA no município em referência, e desse modo, descreve-se a seguir como foi escolhida a propriedade objeto desse estudo.

Como no município de Butiá – RS há uma feira de produtores rurais que conta com aproximadamente trinta famílias, optou-se por apenas uma propriedade. A definição por essa família e sua linha de produção, que é de base ecológica, deve-se ao entrosamento desta pesquisadora, durante o passar do curso de graduação, com o tema, que hoje se mostra atual e de grande interesse social. Assim, para o desenvolvimento da monografia e interpretação do ambiente-social, utiliza-se como referência uma UPA Familiar, na qual foi realizado o Estágio Supervisionado I e que está localizada em área urbana do município de Butiá, Rio Grande do Sul. Assim, muitos dados foram transmitidos dessa etapa anterior do curso, o Estágio Supervisionado I, inclusive alguns estão presentes no trabalho final do Estágio I realizado por esta pesquisadora/acadêmica.

A fim de entender a realidade da UPA, ter a oportunidade de observar, conversar com atores envolvidos e tornar-se íntima do cotidiano dos moradores, desenvolveu-se a pesquisa durante dias alternados no mês de março, na qual os dados da entrevista, que foi realizada em um único dia, e dos relatos das visitas, foram apontados em diário de campo, assim como as informações relativas ao trabalho e a propriedade. Tais apontamentos no diário de campo descrevem a visão dos atores sociais locais envolvidos, como os integrantes da família, consumidores e técnicos locais.

Desse modo, o acompanhamento, na propriedade familiar, foi realizado nas atividades diárias da família, diversificando os horários de visita, para que se pudesse

participar de diferentes momentos e tarefas da propriedade e da família. A respeito dos consumidores, ao visitar a propriedade e a feira, teve-se a oportunidade de conversar com alguns, inclusive visitou-se a feira na propriedade, no papel de consumidora, comprando e indagando aos moradores sobre os alimentos fornecidos. Quanto à abordagem, com o objetivo de melhor compreender o grupo familiar e seus contatos sociais, a fim de captar novas informações que respondam à problematização, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Para tanto, foi necessário descrever, compreender e explicar as relações da UPA com o meio externo, observando-se as diferenças e semelhanças.

Em relação à natureza, a pesquisa buscou gerar conhecimentos que possam ser aplicados na prática e auxiliem na solução de questões pontuais. Para o melhor entendimento do problema e clareza em seu entendimento, utilizou-se a pesquisa exploratória. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 46):

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A fim de complementar as informações coletadas, fez-se necessário também uma pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas com aplicação de questionário. Foram utilizados dois questionários diferentes, um foi aplicado ao produtor rural da UPA, e outro direcionado ao técnico, que primeiramente foi aplicado com o responsável da Prefeitura local, da SMAMA, e após ao técnico da EMATER, ambos os questionários com perguntas abertas (Apêndices 1 e 2).

Quanto aos técnicos, primeiramente ligou-se para a Prefeitura, e agendou-se um horário com o responsável, que se prontificou em atender, no outro dia, no horário marcado, esta pesquisadora estava lá conversando. O técnico da Prefeitura foi muito receptivo, mostrando-se contribuinte à causa, porém não tinha muito a dizer, muitas questões perguntadas ficaram sem respostas, e por sugestão dele, foi preciso procurar o técnico da EMATER. Assim, ligou-se e agendou-se horário com ele, que me recebeu no outro dia cedo da manhã, pois do meio da manhã em diante, o horário é reservado para visitas.

Além disso, quando necessário, foram realizadas pesquisas eletrônicas, por meio de acesso à internet, e bibliográficas que contemplam a temática. De posse das informações obtidas e das observações diretas realizadas, foram identificados e contextualizados os

desafios enfrentados pelo produtor familiar na aplicação do método de cultivo de base ecológica, bem como as perspectivas para a produção de base ecológica local. Assim, conforme Marques (2009), para que se atinja o entendimento com profundidade das alterações sociais se torna imprescindível analisar os elementos internos e externos e suas conexões como participantes nesse meio.

Dessa forma, os dados coletados, por vezes, podem ir ou não de encontro ao “crescimento” como um todo, à expansão propriamente dita. Assim, questões como desenvolvimento, planejamento e gestão devem estar de acordo com a realidade vivida e com os propósitos da família. Então, se torna necessário verificar os desafios aos quais estão dispostos a enfrentar, as ações que objetivam desenvolver para chegarem aos resultados esperados. Afinal, não necessariamente a UPA deve estar em constante crescimento, em evolução, pois se pode pensar em desenvolver bem uma atividade mantendo um mesmo padrão, sem alterações.

. Na visão de outros atores, coadjuvantes nesse processo, o agricultor pode se sentir “invadido” com tantas informações, que, por vezes, não condizem com os objetivos dos moradores daquela propriedade. Assim como fala Marques (2009, p. 44):

Dessa forma a compreensão de como os atores percebem os objetos que o circundam, como percebem a natureza, e as relações que estabelecem socialmente, pode contribuir para o entendimento de quais crenças, motivações e conhecimentos estão no cerne das tomadas de decisões desses atores e quais estímulos são tidos como fundamentais para a avaliação e manutenção de sua conduta.

No caso dos técnicos, por exemplo, aos quais interessam auxiliar no desenvolvimento das propriedades e fazem isso objetivando mais expansão do que manutenção no meio, sugerem intervenções a serem feitas, embora se espera que antes da intervenção se escute o agricultor, se avalie se ele realmente quer mudar, ou se é o técnico quem deseja isso.

Conforme Marques (2009), cada indivíduo percebe o mundo de uma maneira diferente, é a forma como esta pessoa está inserida no meio em vive, é uma troca incessante, sendo renovada a cada novo acontecimento, a cada nova experiência. De acordo com Marques (2009, p.46):

Uma vez que a percepção passa pelo útil, pela realidade circundante útil e, por isso torna-se norteadora e motivadora das atitudes dos sujeitos, essas atitudes passam a ser, então, conseqüências observáveis das percepções internalizadas. Nesse sentido, podemos sumarizar afirmando que, além das sensações captadas pelos mecanismos

perceptivos, o meio influencia diretamente na construção das percepções que vão refletir posteriormente nas atitudes dos sujeitos. Nem as percepções nem as atitudes são estáticas e, por conseguinte, sofrem constantes modificações ao longo do tempo.

Dessa forma, busca-se compreender e refletir sobre o foco desse estudo, que são as motivações desta família de produtores familiares para trabalhar com uma agricultura de base ecológica, o modo como percebem e se relacionam com o meio em que estão inseridos, e a forma de interagir com os demais atores envolvidos.

4 O MEIO, A PROPRIEDADE E OS ATORES

Nos dias atuais, ainda existem, em pequenas localidades, áreas destinadas à produção agrícola de forma familiar e diversificada, muitos utilizam maquinários, e a maior parte faz uso dos insumos e adubos químicos. No município referência para esse projeto de pesquisa, Butiá - RS, os monocultivos dominantes são os de eucalipto e acácia, além das lavouras de soja em grandes propriedades.

Antigamente, muitas dessas grandes propriedades eram compostas por famílias que trabalhavam com uma produção diversificada, para abastecer ao consumo da casa e ainda vender os excedentes. Com o passar do tempo, acabaram fazendo a opção por este tipo de plantação, os monocultivos, pois geram menos perdas e exigem um menor cuidado com a lavoura. Embora, conforme depoimento do técnico da EMATER local, a cidade ainda conta hoje com o número de sessenta e oito famílias produtoras rurais, que suprem parte da demanda local por alimentos, e, além disso, aproximadamente trinta produtores fazem parte da Associação dos Produtores de Hortifrutigranjeiros e produtos coloniais. Assim, o trabalho foi desenvolvido na localidade de Butiá - RS, em propriedade familiar, que desenvolve e comercializa seus produtos de base ecológica no próprio município.

O município de Butiá está localizado na região Metropolitana de Porto Alegre, à margem direita de BR 290, km 175, no sentido Osório-Uruguaiana (ver Figura 1), distando da capital, Porto Alegre, 71,05 km.

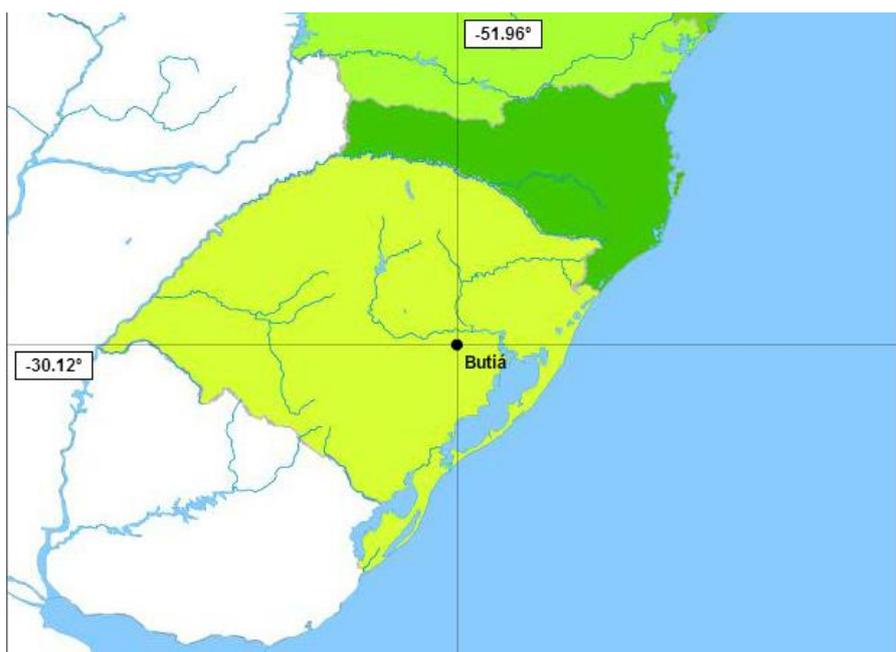


Figura 1: Mapa de Localização do Município de Butiá - RS.
Fonte: IBGE/ 2010

Situado na região carbonífera, na depressão central do Estado do Rio Grande do Sul, o município está dividido em duas áreas pela BR-290 (ver Figura 2). Apresenta uma área de 769 km², e uma população de 20.406 habitantes, conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e possui coordenadas geográficas 30°07'11" de latitude e 51°57'44" de longitude, com altitude da sede de 71 m (ver Figura 1).



Figura 2: Topografia do Município de Butiá - RS

Fonte: Google maps.

Conforme Kalisk, Ferrer e Lahm (2009), a área do município se divide em floresta nativa, campo, pastagens e culturas animais, floresta plantada, água e solo exposto/áreas construídas. Butiá pertence à Bacia Hidrográfica do Baixo Jacuí e no município há três micro bacias hidrográficas, sendo a do Arroio dos Ratos, Arroio Francisquinho e Arroio do Conde. A região possui grande diversidade de recursos naturais, como flora, fauna e riqueza de nascentes, sangas e açudes, destacando entre os recursos naturais a mata nativa e matas ciliares. Todos os arroios deságuam no Rio Jacuí.

Nas áreas das três microbacias, há solos classificados taxonomicamente como: Planossolo hidromórfico eutrófico, argissolo vermelho distrófico e neossolo litólico distrófico, todos eles apresentando associações de solos, segundo Strech et al. (2008).

A respeito da caracterização socioeconômica regional, durante muito tempo o município de Butiá teve como sua grande fonte de renda a exploração de carvão, com a extração do carvão mineral com reconhecimento de cunho nacional e internacional. Conforme censo IBGE, em 2004 os setores de Serviços/Outros e Produção e Extração Animal

e Vegetal participaram com cerca de 66% no valor adicionado do município, com destaque para o Comércio Varejista (15%) e a Indústria de Transformação (10,5 %).

Em relação à população do município, conforme IBGE (2010), quanto ao nível de estudo das crianças e adolescentes, 73,7% das crianças estão matriculadas no ensino fundamental, 19,7 % no ensino médio e 6,6% na pré-escola. Conforme informações disponíveis no site da prefeitura municipal de Butiá, a expectativa de vida do cidadão butiaense é de 70,22 anos, a taxa de alfabetização de adultos é de 0,874, a taxa bruta de acesso as escolas é de 0,77, a renda per capital é de R\$ 220,134, o índice de esperança de vida (IDHM-L): 0,754, o Índice de educação (IDHM-E): 0,839, o Índice de PIB (IDHM-R): 0,673, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M): 0,755, o Ranking do município por UF: 361, e o Ranking Nacional: 1715.

A população conta, atualmente, com as associações de bairros, onde cada bairro tem a sua representação. Têm disponíveis, conforme os interesses da comunidade, outras entidades, entre sindicatos e associações: a Associação Butiaense de Artesões (ABART), que atua fornecendo cursos diversos de artesanatos às moradoras do município e ainda conta com um espaço para comercializar os produtos fabricados pelos associados, o Sindicato da madeira e lenha (SITIEML), que representa os trabalhadores nas empresas de silvicultura, a Associação de pais e amigos Excepcionais (APAE), que conta com uma equipe profissional qualificada para atender a comunidade, o Sindicato dos servidores públicos de Butiá (SIMBU), que presta assistência aos trabalhadores da prefeitura local, a União do movimento sindical e comunitário (UMOSIC), que desenvolve um trabalho em prol da comunidade onde atua.

Desse modo, os produtores e trabalhadores do meio rural contam, no município, com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato Rural e a EMATER, além da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal. A EMATER e prefeitura dispõem de profissionais, técnicos qualificados para atuar e auxiliar os produtores conforme as necessidades e demandas de conhecimentos.

Quanto à atuação no meio rural municipal, existem produtores familiares que produzem um ou outro alimento. Conforme IBGE (2011), a produção em lavouras permanentes foi bem diversificada: produção de figo atingiu 1 tonelada, em uma área plantada de 1 hectare; a laranja teve uma quantidade produzida de 1.700 toneladas, plantadas em 170 hectares, colhendo 10.000 quilos por hectare de terra; o plantio de pêssigo, ainda conforme o IBGE (2011), teve como quantidade produzida 54 toneladas, plantadas em 6 hectares, onde foram colhidos 9000 kg por hectare; a produção de tangerina atingiu a quantidade de 812

toneladas, em área de 112 hectares, produzindo 7.250 kg por hectare; e ainda a uva, que produziu 75 toneladas, em 5 hectares plantadas, com a produção de 15.000 kg por hectare.

Além disso, a produção agrícola municipal de cereais, leguminosas e oleaginosas, conforme IBGE (2007), no plantio de arroz (em casca), teve a quantidade produzida de 7.750 toneladas, em uma área plantada de 1550 hectares, com rendimento médio da produção de 5.000 quilogramas por hectare, o feijão (em grão) produziu 18 toneladas, em uma área plantada de 20 hectares e obteve rendimento médio da produção de 900 quilogramas por hectare, o plantio de milho (em grão) teve a quantidade produzida de 2.250 toneladas, com área plantada 750 hectares, com rendimento médio de 3.000 quilogramas por hectare, as lavouras de soja (em grão) tiveram a quantidade produzida de 8.400 toneladas, em uma área plantada de 3.500 hectares, com rendimento médio da produção de 2.400 quilogramas por hectare, e o trigo (em grão) obteve a produtividade de 2.250 toneladas, em área plantada de 1.500 hectares, com rendimento médio da produção de 1.500 quilogramas por hectare.

O município conta com uma boa estrutura para estimular o comércio de alimentos provindos da agricultura familiar, que é a Feira do Produtor Rural. A Feira (ver Figura 3) de Butiá foi criada no ano de 1983, organizada pelos pequenos produtores e em parceria com a EMATER local, atualmente aproximadamente trinta famílias participam da organização.



Figura 3: Feira do produtor rural e Butiá - RS

Fonte: Autora da pesquisa, 2012.

O ponto da Feira, por muitos anos, foi em pontos alternativos na cidade, como em praças, mas com o passar do tempo e devido à importância da feira para a população do município, ela ganhou espaço próprio. Atualmente, está localizada no centro da cidade, em frente à Praça Santa Terezinha. A Feira do Produtor Rural é de fundamental importância para a divulgação e comercialização dos produtos oriundos das propriedades familiares de Butiá.

Atualmente ela ocorre uma vez por semana, sempre nas sextas-feiras, em local cedido pela prefeitura municipal e se inicia logo cedo, às 7 horas da manhã. O ambiente é aberto, mas está organizado em bancas separadas e conta com pias com água potável, o que auxilia os produtores na hora da comercialização. A ordem geral da Feira é que sejam comercializados somente produtos plantados no município, que os agricultores devem estar cadastrados e ter autorização da EMATER e, além disso, o valor para venda deve ser sempre inferior ao dos supermercados, visto que os produtores são isentos de pagar impostos.

4.1 CONHECENDO A PROPRIEDADE FAMILAR

A UPA familiar onde se realizou o estudo localiza-se no perímetro urbano da cidade de Butiá - RS, distante uns 10 minutos de caminhada da região de comércio variados, como supermercados, lojas e serviços diversos, e a Prefeitura Municipal. O local da propriedade fica em uma região de moradores, inclusive a propriedade é uma das últimas moradas da rua onde está localizada, pois logo a seguir há naquele local uma região de matos.

Como a UPA foi objeto do meu estágio cabe destacar que muitos dados a seguir também fazem parte do meu relatório final de estágio, e vieram para este trabalho, pois se encaixam aqui. Ao chegar à propriedade, a primeira vista, após a porteira, logo avisto a moradia da família, construção simples, mas bem cuidada, que ao lado esquerdo possui uma área que serve de abrigo para o pequeno trator. Na área de terras, mais ao lado esquerdo, há espaços alternados em plantio e pousio (período de descanso do solo que acabou de ter colhido o cultivo). Logo após a casa, está o ponto da Feira na propriedade, que é realizada ali mesmo no quintal deles e fica numa área com taquaireiras, com sombra para eles trabalharem, o lugar não é coberto, possui grandes tanques com água, provinda do açude da UPA, que servem para higienizar os produtos colhidos. Conforme, Souza (2011), o espaço para a compostagem fica à esquerda, que é isolado e coberto por lona plástica, o produto da compostagem é esterco de galinha, que o produtor adquire em uma granja e repõem conforme a necessidade. Desse ponto em diante, segue-se vendo os canteiros (Figura 4), que são feitos

com auxílio de uma rotativa, é a parte mecanizada no trabalho deles, e no fundo, à direita, observa-se o açude da propriedade.



Figura 4: UPA do produtor rural familiar de Butiá – RS.
Fonte: Autora da pesquisa, 2012.

Ao caminhar pela propriedade, ao fundo, tem um espaço reservado para as sementeiras (Figura 5), elas ficam dispostas ao chão, uma ao lado das outras, aguardando a época em que irão ser transferidas para os canteiros definitivos. Ainda conforme Souza (2011), o solo da propriedade é plano e tem um açude artificial, o qual o produtor mandou “abrir”, pois assim é um jeito de poupar água, visto que na casa utilizam água encanada.



Figura 5: Sementeiras da UPA
Fonte: Autora da pesquisa, 2012.

Conforme Souza (2011), o proprietário é natural de Butiá, filho de pequenos produtores rurais que trabalhavam com hortigranjeiros em uma área de 4,5 hectares em área rural do mesmo município. Desde jovem o agricultor já exercia as atividades agrícolas para auxiliar aos seus pais e conta: *“Quando terminei o colegial, fiz um curso técnico em mecânica, pois via o pai trabalhando na lavoura e não desejava aquele futuro para mim”*. Porém, anos depois, decepcionou-se com a situação a qual vivia como empregado em uma fábrica, e o destino o fez retornar às origens, trabalhando como agricultor na propriedade da família.

Quando o produtor iniciou o trabalho em sua propriedade, em 1993, recebeu auxílio técnico da EMATER, onde buscou informações sobre o comércio local e constataram que 90% do consumo de hortigranjeiros municipais eram oriundos das Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul (CEASA). Então decidiu que seria “dono” de seu próprio negócio, dando continuidade à atividade do seu pai. Atualmente a família, formada pelo proprietário e sua esposa, conta com uma renda extra, oriunda do aluguel de uma casa, que ele construiu, no centro da cidade, e mantém alugada. Paga mensalmente o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) dele e da esposa, fazem planos para se aposentar, mas não sabe se irá dar continuidade às atividades e pensam que logo não terão disposição de continuar com o trabalho na agricultura. A esposa do agricultor tem sua renda extra com os artesanatos que produz e comercializa na propriedade e na feira do Artesão.

Na Unidade de Produção Agrícola familiar (UPA) os proprietários têm o interesse em produzir alimentos mais saudáveis, livres de insumos químicos. Embora o produtor tenha ingressado no trabalho autônomo como produtor rural familiar, e tenha feito isso pela opção de trabalhar com agricultura ao invés de continuar em um emprego formal, a propriedade está no seu limite máximo produtivo.

Assim, as atividades são desenvolvidas pela família, que conta com anos de experiência em agricultura familiar, e eventualmente algum ajudante nas atividades gerais. Parte do trabalho é mecanizado, possui um trator com arado e rotativa para preparo dos canteiros. A orientação técnica é feita por profissionais qualificados de uma instituição local, que visa integrar os trabalhadores rurais e ainda auxiliá-los no desenvolvimento de suas atividades. A fertilidade do solo é manejada com a aplicação de esterco de galinha e adubação foliar. As sementes são adquiridas na Semeagro, em Porto Alegre, pelo próprio agricultor. O agricultor preocupa-se em adquirir sementes de boa qualidade, e por vezes utiliza sementes híbridas.

De modo a contribuir nas tarefas da lavoura, a esposa do produtor é a responsável pelas mudas, que são feitas em bandejas, ou direto nos canteiros definitivos, dependendo da necessidade das plantas. A irrigação é feita por aspersão (processo que utiliza mangueiras e moto-bomba para puxar água do açude da propriedade), e a limpeza dos canteiros é feita de forma manual e com enxadas. A colheita é feita de forma manual, pelo proprietário, sempre nas quartas e quintas-feiras. A limpeza e a organização das verduras e legumes são feitas pela esposa do proprietário, pelo irmão dele e por um auxiliar, que trabalha junto a eles em dias esporádicos. A comercialização dos produtos é feita na propriedade, pela esposa e pelo irmão, e na Feira Municipal (nas sextas-feiras), pelo chefe da família.

Na propriedade familiar há uma grande diversificação de culturas, e cada tipo tem sementes, mudas ou plantas em desenvolvimento nos canteiros, em quantidade suficiente para atender a demanda, em primeiro lugar, da feira na propriedade, e em segundo, a feira da cidade. Os produtos comercializados são: alface (lisa, crespa e americana), aipim, beterraba, brócolis, cebola verde, cenoura, couve, couve chinesa, espinafre, mostarda, pepino, rabanete, repolho, rúcula, salsa e tomate cereja, além de outras culturas, que variam conforme a época do ano. A feira na UPA é organizada no pátio (Figura 6), nos fundos da casa da família. As pessoas chegam, vão entrando pela porteira que tem na frente da propriedade e lá são recebidas pelo irmão do produtor, que está sempre contente, mantém o bom humor enquanto atende aos clientes.



Figura 6: Feira na UPA do produtor rural familiar de Butiá/ - RS.
Fonte: Autora da pesquisa, 2012.

Na propriedade, o agricultor foi entrevistado, em meio a uma conversa informal, onde relatou histórias do seu passado e acontecimentos atuais, enquanto se caminhava pela propriedade. É visível no olhar e no modo como fala do seu trabalho a satisfação que tem ao ver os canteiros e os cultivos em crescimento. A conversa com a esposa dele foi na cozinha, enquanto passava um café, no coador de pano, com água aquecendo no fogão à lenha. Contou sua história quase como uma conversa de amigas, relatando inclusive histórias de quando era pequena e situações cotidianas, além de mostrar com orgulho os trabalhos de crochê e pintura que faz.

A questão de mão de obra, conforme o produtor disse: *“tenho medo de contratar, eles vêm, trabalham, e logo querem achar que estão sendo mal pagos, que o trabalho é excessivo”*, é um fator de impasse para o desenvolvimento das atividades da UPA. Tal questão é pontual, e ele sempre a traz à tona quando o assunto é relativo ao desenvolvimento da propriedade, inclusive, quando em contato com o responsável técnico da EMATER, ele relatou: *“aquele produtor tenta fazer a gente sentir pena dele, como se algo de ruim acontecerá com ele caso ele contrate pessoas parar trabalha, que é o que ele precisa”*.

Quanto à relação dele com técnicos locais, da EMATER e da Prefeitura, ele não faz muita questão de ter proximidade, pois conforme depoimento: *“eu gosto de aprender e melhorar meu jeito de trabalhar é no dia a dia na lavoura, treinando as possibilidades”*, e ele ainda argumenta: *“falam mais do que fazem, que gostam de apresentar um plano, de sair na fotografia do jornal, mas na hora de auxiliar querem é impor o jeito deles trabalhar na propriedade dele”*. Em entrevista com o técnico da Prefeitura, ele não dispunha de muitas informações para passar, inclusive determinados assuntos, conforme ele relatou: *“isso tu vê na EMATER, eles que tem essas informações”*.

As falas do responsável da Prefeitura subentenderam certo descaso com os produtores familiares do município, e certa indução para que as questões solicitadas fossem de responsabilidade da EMATER local. Na EMATER, o responsável se apresentou bem organizado e entendido a respeito das indagações, respondia a tudo, e caso não tivesse certeza de algo, logo buscava em seus arquivos digitais as informações solicitadas. A EMATER local está preparada, caso seja do interesse dos produtores locais, para reunir um grupo e levar a curso, a fim de aprender sobre o método produtivo de base ecológica, conforme depoimento do técnico.

A entrevista com o responsável da Prefeitura, pela Secretaria de Agricultura e Proteção ao Meio Ambiente (SMAMA), foi um tanto superficial. Apesar de ele ter formação de agrônomo e estar em um cargo relevante perante a sociedade, o técnico não tinha muito

conhecimento a respeito dos produtores familiares do município, e nem sobre a Feira Municipal dos pequenos produtores. Conforme ele: “a SMAMA realiza a parte de vistoria e licenciamento municipal de impactos locais, e quem faz a extensão rural na parte de grão e hortifrutigranjeiros e na parte da pecuária familiar é a EMATER”.

Ao conversar com o técnico da EMATER, ele esclareceu as dúvidas remanescentes da entrevista com o responsável pela Prefeitura. Conforme informou, há bastante contato por parte do trabalho dele com produtores familiares, que hoje são em número de sessenta e oito famílias no município de Butiá. Realizam um acompanhamento, de forma integral aos produtores, com visitas semanais e reuniões organizadas conforme os grupos de interesse: produtores rurais, conselho agropecuário municipal, associação dos produtores de hortifrutigranjeiros e produtos coloniais. As reuniões tratam de assuntos específicos e ainda contam com demonstrações técnicas. Conforme eles, na Feira Municipal, atualmente, participam aproximadamente 30 (trinta) produtores familiares. Na ocasião das aplicações de questionários aos técnicos e ao produtor rural, foram solicitadas a eles as assinaturas nos termos de consentimento (Anexo 1).

Assim, o município de Butiá, as áreas de cultivos familiares encontram-se em plenas atividades. Algumas propriedades mais diversificadas, outras com foco em determinadas frutas, algumas com pecuária e agricultura de olerícolas, além de atividades extras das famílias, como o artesanato e o processamento de alguns alimentos, conforme visto na Feira Municipal, onde participam os produtores familiares do município.

Porém, tal fato não tem sido assim para a grande maioria de produtores, pois há de se destacar que muitos abriram mão das propriedades, ou das atividades diversificadas, e optaram pelas monoculturas. A família em questão, desde a época de seus pais, busca produzir alimentos de forma natural, de base ecológica, valorizando dessa forma o solo que traz o sustento da família e da propriedade, além do interesse em produzir alimentos saudáveis para o consumo da família da UPA e para a venda aos clientes.

5 DISCUSSÃO/RESULTADOS

Refletindo sobre as motivações do produtor familiar para trabalhar com os métodos produtivos de base ecológica verificam-se dois momentos diferenciados: primeiro quando fez a opção de trabalhar como agricultor, e segundo, quando buscou orientação da EMATER local, antes de iniciar seus trabalhos, a fim de saber se a demanda do município por alimentos comportaria um produtor nos moldes do interesse do produtor. Após esta fase, e consolidado o seu trabalho como agricultor familiar de base ecológica, atualmente o produtor e sua família valem-se da qualidade que se desprende, tanto do produto obtido em sua lavoura, quanto da despreocupação em se contaminarem durante o trabalho caso fossem manusear produtos químicos.

Assim, o grande sucesso de vendas do produtor em pauta são os seus produtos de base ecológica, que são cultivados apenas com adubos orgânicos. Os métodos produtivos e o agricultor envolvido estão em sintonia com o meio ambiente, não utilizam herbicidas, limpam os canteiros manualmente e com auxílio de enxadas. Utilizam o solo de maneira a preservá-lo, permitindo que após um cultivo seja colocado em pousio, que é o tempo para a terra descansar e recuperar suas forças para após receber um novo cultivo.

Os recursos naturais são usados sem que ocorra a sua degradação, é uma reciprocidade entre homem e natureza, além de o produto resultante desse trabalho ser livre de insumos e não prejudicar quem produz ou consome. Conforme dizem Fernandez e Garcia (2001 p. 18):

Assim, a sustentabilidade de um agroecossistema tem dois componentes essenciais: pode ser observada ambiental e socialmente. A sustentabilidade ambiental se refere aos efeitos que os agroecossistemas causam sobre a base dos recursos (sua contribuição aos problemas de contaminação, aquecimento global, erosão, desmatamento, sobreexploração dos recursos renováveis e não-renováveis, etc.) tanto na escala global como local. Em nível local, a sustentabilidade dos agroecossistemas tem a ver com sua capacidade para aumentar, esgotar ou degradar a base dos recursos naturais localmente disponíveis. Então, a sustentabilidade ambiental no nível local é positiva quando o manejo realizado no agroecossistema aproveita a produtividade dos recursos naturais renováveis (aqueles que funcionam mediante o inesgotável fluxo solar). Ao contrário, pode não ser positiva, quando as práticas produtivas consistem na manutenção da produtividade do agroecossistema mediante a troca econômica (importação e exportação de insumos e produtos), aquecendo a terra, que é vista unicamente como o suporte material (físico) das espécies. Neste caso, o controle de pragas, a fertilização e outras práticas necessárias são realizados mediante capital produzido pelo homem, degradando-se a base local de recursos naturais.

Conforme Costabeber e Moyano (2000, p. 8) “aumentar a qualidade de vida e melhorar as condições de trabalho; e recuperar e preservar os recursos do meio ambiente, como forma de ampliar seus espaços de produção e reprodução social e econômica desde uma perspectiva de gestão sustentável dos agroecossistemas”. Desse modo, fica explícito que as motivações para essa família é primar pela qualidade de vida. Tal questão fica evidente na questão profissional, quando tem tranquilidade em trabalhar e não serem contaminados, na questão ambiental, pois desenvolvem suas tarefas em harmonia com o meio ambiente, na questão social, quando se preocupam com a qualidade do alimento que comercializam, na questão econômica, com a facilidade da feira na propriedade e na cidade, e ainda na questão técnica, pois dispõem de atendimento qualificado por parte da EMATER local.

Quanto à satisfação da família pesquisada, ela tem certas oscilações, e estas são proporcionais aos períodos produtivos. Se a horta está rendendo, as vendas estão em alta, mas conforme o próprio produtor fala: “às vezes, se chove muito, perco tempo, não consigo trabalhar se tem muito sol, prejudica as plantas”, são as dificuldades do dia a dia, que com o passar dos anos eles vão aprendendo a contornar, mas sabem que sempre vão encontrá-las em alguma época do ano. Mesmo assim, a situação atual é que a demanda, muitas vezes, é maior do que a oferta, inúmeras vezes o produtor deixou de ir à feira, ou foi com poucos alimentos, pois os havia comercializado no dia anterior em sua propriedade. Entende-se então que a UPA em questão atingiu a sustentabilidade, conforme explicam Fernandez e Garcia (2001, p. 19):

Deste modo, temos que concluir que a sustentabilidade ambiental de um agroecossistema está associada positivamente com o uso feito dos recursos renováveis. Efetivamente, se mantivermos as estruturas produtivas que tenham um "apoio vital" em recursos renováveis, cuja capacidade de auto-renovação seja garantida, terão uma característica fundamental do modelo de sustentabilidade defendido: seus rendimentos econômicos serão duráveis ao longo do tempo.

A percepção do agricultor em trabalhar, de forma a integrar-se à natureza, não se trata de acompanhar as inclinações de consumo da sociedade em geral, mas sim de contemplar o interesse particular da família em contribuir para um mundo melhor, uma alimentação mais natural, mesmo que o faça pequeno, quando comparado ao tamanho da produtividade de uma grande propriedade, por exemplo. A importância está em fazer a parte deles perante a sociedade butiaense, que para aquela família, é o local onde os membros dessa família têm condições de intervir, não só fornecendo o alimento, mas sim distribuindo o diálogo sobre os benefícios dos produtos de base ecológica da propriedade familiar.

Assim, conforme os dados obtidos sobre a UPA e o produtor, e observado o interesse da população sobre a feira na cidade, que é especialmente para os produtores familiares, os incentivos por parte do município e da EMATER para os produtores familiares e aumento da demanda por parte da sociedade por alimentos de base ecológica, identifica-se que para a propriedade em questão há um grande mercado a se atingir e explorar, e, como se diz a respeito de oportunidades: “estão com a faca e o queijo na mão”. Os alimentos produzidos têm boa qualidade e são mais saborosos, quando comparados aos da agricultura convencional. A atual produtividade abastece de forma suficiente a clientela local, que frequenta a propriedade e a feira, e isso torna a UPA em pauta referência para outros produtores familiares, pois nem todos têm a demanda que eles têm.

Conforme relato do técnico da EMATER, há a possibilidade de produtores do município participarem do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), cuja gestão é da Prefeitura Municipal, porém atualmente está parado há dois anos, pois “*não há comprometimento, não querem compromisso*”, conforme manifesta o técnico da EMATER a respeito dos produtores locais. A EMATER é uma grande parceira e incentivadora dos produtores familiares do município, os recebe, agenda visitas, atendem as solicitações, fazem reuniões, e na qual os técnicos trabalham de forma a estimular as famílias produtoras ao crescimento, oferecendo orientações, técnicas e demais apoios necessários.

Desse modo, atualmente a população tem passado a valorizar os produtos de origem orgânica. Ao conversar com algumas consumidoras dos produtos oriundos da UPA, verificou-se que o interesse era em virtude do menor preço e da qualidade dos alimentos, quando comparados aos supermercados. As consumidoras têm a preocupação em consumir um alimento mais saudável, livre de agrotóxicos, visto que na propriedade o adubo é orgânico. Por conseguinte, a demanda por esse tipo de alimento, de base ecológica, tem aumentado, e inclusive por influência da mídia, que tem apresentado com frequência reportagens abordando o assunto e mostrando a importância em consumi-los.

Dessa forma, o trabalho do produtor rural, objeto deste estudo, tem se tornado líder no quesito preferência das consumidoras, e inclusive, entre essas, há aquelas que são proprietárias de restaurantes e lanchonetes, e que preferem servir em suas refeições um alimento de boa origem, e que é oriundo de uma propriedade referência no município.

Diante do exposto, a produção de base ecológica está sendo debatida atualmente em diferentes esferas e por diferentes atores locais, vista como forma de alimento saudável, natural e que, em determinados pontos de comercialização, pode ser consideravelmente mais cara, quando comparada aos produtos oriundos da agricultura convencional. Para os

agricultores de base ecológica, a sua intenção vai além de produzir alimentos melhores: pensa-se na saúde do agricultor e de sua família, enquanto trabalham na lavoura, não sendo obrigados a manusear insumos que podem prejudicar suas vidas.

Assim, através do desenvolvimento do trabalho de campo, foi possível interagir, observar a família, o modo de vida que o ambiente rural propicia aos seus moradores. Ficou clara a função e a importância que cada ator social tem perante a Unidade de Produção Familiar, desde o proprietário e sua família até os técnicos, além das entidades envolvidas como associações, EMATER e Prefeitura Municipal. As entrevistas realizadas foram de suma importância, primeiro a que foi realizada com o produtor e sua família, e após, a que foi realizada em segundo momento com o responsável da Prefeitura. Como somente essas não foram suficientes, após foi necessário agendar entrevista com o responsável da EMATER local.

Como a situação atual da família é de satisfação, estão contentes com o que produzem e vendem, aparentam estar felizes com a atividade que desenvolvem, pois argumentam que a parte que conseguem fazer, fazem bem feito, visto que se preocupam com a qualidade do alimento resultante do trabalho deles, e com a satisfação e fidelização de seus clientes. Segundo o agricultor, a época que mais lhe proporciona lucro é o verão, a produção aumenta e o consumo também. Conforme ele diz: *“As pessoas vem da praia, das férias, e logo pensam em fazer dieta, e comer mais verduras e legumes”*. O aproveitamento da produção é excelente, exceção apenas para perdas devidas a questões climáticas. Conforme a esposa do produtor havia dito, a feira na propriedade é bem corrida; enquanto eles vão limpando e separando alguns produtos, em seguida aparece a necessidade de buscar outro na lavoura, às vezes os consumidores chegam a esperar o seu pedido ser colhido. Chegou-se a indagá-los sobre a questão de aumentar a produção, mas têm consciência que para isso é preciso arriscar, contratar pessoas para fazer o empreendimento de a UPA crescer e eles têm receio, inclusive parece até que medo dos acontecimentos futuros caso optem por isso, assim acabam por não sair dessa zona de conforto a qual se encontram, mesmo com os incentivos diversos que a Emater tem lhes oferecido.

Ao falar sobre a propriedade, o proprietário se refere à questão da feira em sua casa, a qual realiza sempre nas quintas-feiras, que hoje lhe rende financeiramente mais que a do município. Os clientes vêm comprar em outros dias da semana também, e de certo modo, ele se queixa disso, pois isso acontece em horários em que ele está na horta, cuidando dos canteiros, da limpeza, ou até mesmo semeando. Desse modo, o produtor rural tem noção que se tivesse uma feira permanente em sua propriedade teria ainda mais lucro, mas reclama da

falta de pessoas para trabalhar com ele, e que ainda tem medo de contratar e depois ser cobrado judicialmente, pois ele salienta que isso já aconteceu com ele, e assim optou por não contratar funcionários. E, além disso, argumenta que não há pessoas interessadas nesse tipo de trabalho, e menos ainda dispostas a trabalhar na horta, já que exige trabalhar tanto em dias de sol, quanto de chuva.

Assim, os produtos obtidos no trabalho desenvolvido por essa família são a demonstração real de que, para eles, o grande fator de importância são os benefícios que o método produtivo de base ecológica traz a eles e à comunidade que consome seus alimentos. Como o produtor mantém um acompanhamento regular a respeito de sua saúde, verifica-se que a questão da qualidade da alimentação é essencial para ele. Além disso, conforme o próprio produtor, os alimentos produzidos, muitas vezes não tem a aparência tão boa e nem tamanho do alimento podem ser comparados com os oriundos da agricultura convencional. Mesmo assim, o agricultor está sempre motivado a dar continuidade nos seus trabalhos, embora não haja por parte dele a intenção em aumentar a produtividade, ele sente orgulho de ver a freguesia fiel aos produtos de base ecológica produzidos em sua unidade rural familiar. Tais observações entram em consonância com o que dizem Fernandez e Garcia (2001, p. 22):

A distinção entre estabilidade e sustentabilidade tem que ver com as forças atuantes. No primeiro caso, são relativamente pequenas, de pouca importância e ordinárias (variação normal dos preços, variações climáticas normais, etc.) e são distorções cujo impacto é pequeno, pois os agroecossistemas desenvolveram defesas adequadas. Entretanto, no caso da sustentabilidade, são forças raras, pouco comuns, menos esperadas, para cuja superação o agroecossistema não desenvolveu defesa alguma. Finalmente, podemos dizer que a estabilidade de um agroecossistema pode ser alcançada mediante a eleição das tecnologias melhor adaptadas às necessidades e recursos dos agricultores (estabilidade de gestão), mediante a adaptação das estratégias produtivas às corretas previsões de evolução do mercado econômica), ou ainda, tomando em consideração as estruturas organizativas e o contexto sociocultural existente (estabilidade cultural).

O interesse das pessoas consumidoras nos produtos provindos da agricultura de base ecológica, de modo geral, deve-se à preocupação delas com a qualidade do alimento consumido, e nas consequências futuras que a alimentação ingerida hoje poderá causar, de forma benéfica, ou ainda trazendo malefícios à saúde; ou seja, é uma alternativa para se prevenirem de possíveis futuras doenças causadas pela ingestão de alimentos contaminados por meio de adubos e insumos químicos. Desse modo, o interesse das consumidoras vem em contraponto a uma das preocupações do agricultor: que é o tamanho e aparência dos produtos.

As consumidoras nem citam essa questão da aparência, visto que o que importa a elas é a qualidade.

Tais preocupações ficaram evidentes com o contato que se teve com a família, percebeu-se que são pessoas bastante trabalhadoras e que desejam fazer sempre melhor. Para eles não importa se faz sol ou chuva, o importante é o trabalho, tem a preocupação em não deixar faltar produção, em atender bem aos consumidores que vão até a propriedade e aos que vão à feira também. Assim, fica visível que esta família de produtores familiares atingiu o objetivo de trabalhar com alimentos de forma autônoma, e produzir alimentos diferenciados e que estão bem com o modo de vida que levam. O modo simples de vida que levam é o suficiente para o bem estar deles, tem acesso a energia elétrica, água encanada, tem banheiro na casa, televisão.

Além disso, conforme relato da esposa do agricultor a respeito do marido: “*ele gosta muito do que faz*”, e como são caseiros, não gostam de sair, o entretenimento deles é a lavoura, é num final de tarde, após o horário do trabalho, parar e admirar a horta que eles plantam. Visto que são defensores do tipo de produção que têm na propriedade, pois entendem a importância que tem para eles e para a sociedade de se produzir e consumir alimentos saudáveis. Somados a isso há a preocupação que eles têm com o meio ambiente, solo e água. A família trabalha com base em não contaminar com insumos e adubos químicos, pois assim estão contribuindo com a natureza, reduzindo, pelo menos por parte da família deles, os impactos causados pela agricultura convencional, e o fazem por opção, por “agradecimento” a terra que lhes dá o sustento do dia a dia.

Essa reflexão, obtida por meio das observações, entra em consonância com Marques (2009), no qual, para a autora, algumas formas de agricultura alternativa têm em suas conjecturas o foco de reduzir as agressões socioambientais oriundos do modelo de agricultura predominante, assim como consolidar a condecoração da humanidade à medida que é integrante da natureza.

Assim, a questão da participação da família na Feira Municipal é um incremento para a renda deles, visto inclusive que a feira na cidade surgiu primeiro que a feira na propriedade, sendo a participação semanal deles imprescindível aos consumidores, que já estão habituados a comprarem alimentos com eles. Conforme Marques (2009, p 75), ao retratar os produtores da Cooperativa Citrus de Vale do Caí - RS, que aqui se compara ao produtor familiar:

Por fim, outra informação que merece ser acrescentada a estes resultados é que, entre os indivíduos ‘envolvidos’ e ‘poucos envolvidos’, a percepção ambiental restringe-se à preocupação com a saúde e a poluição das águas. Esse comportamento

pode ser uma resposta à necessidade de aproximar ainda mais os agricultores e suas famílias dos debates, para que façam emergir problemáticas além da simples utilização ou não de agrotóxicos, que tragam à tona questões como o desmatamento, as monoculturas, a subordinação provocada pelas integrações, o empobrecimento do solo, já que mesmo estas problemáticas também trazem consequências ao corpo, à saúde, e à qualidade de vida no meio rural.

Portanto, pensando nos prós e contras ao crescimento da UPA, vem à tona a ideia que crescer, aumentar a produtividade, expandir as vendas, mas no caso dessa família, isto pode não ser bom, pois vão estar se expondo a situações novas. Como em curto prazo estarão se aposentando, os riscos podem não valer a pena, e ainda que deem certo, não terão a sucessão familiar para continuar as atividades na propriedade. Visto que a opção atual da família é de não contratar, isso indica que a opção é manter as coisas como estão, pois qualquer modificação implicaria em falta de mão de obra, e se do modo como está, está bom, estão tendo retorno financeiro e satisfação.

Mesmo com essa perspectiva de futuro a essa unidade produtiva, a demanda de alimentos para a população consumidora do município de Butiá estaria coberta, visto que atuam nesta área também outros produtores, embora sejam adeptos a outras formas de agricultura que não a de base ecológica. Porém, é preciso constar que há ainda aquele grupo de pessoas que são potenciais consumidores, visto a necessidade de consumirem legumes e vegetais, mas devido a situação econômica não têm acesso a uma alimentação, seja ela adequada ou não. Assim deve-se considerar que a produção de alimentos, com base na modernização, prima por atender as necessidades comerciais de empresas, repassadores ou fornecedores diretos de produtos da agricultura.

Ao se pensar em desenvolvimento do método produtivo no município, poderiam inserir outros produtores da feira, ao modo produtivo de base ecológica, e fazendo a feira, que hoje é local, expandir-se a novas oportunidades, ou ainda criarem uma marca para produtos de base ecológica do município de Butiá, lançando-os além do local. Dessa forma estariam contribuindo para o aumento de emprego local, com aquisição de mão de obra, tanto para a lavoura, quanto para uma possível feira fixa na propriedade, e aumento dos dias da feira na cidade. Compara-se essa possibilidade ao apresentado por Marques (2009, p 73): “Desse modo, a não utilização de insumos químicos, além de proporcionar a esses agricultores uma redução de custos de produção, trouxe também a inserção desses citros no mercado de produtos orgânicos, tendo como consequência um aumento no preço pago pela parte da produção comercializada como produto diferenciado”. Confirmando assim, que há possibilidade de se obter lucros diferenciados com a produção de base ecológica.

Segundo Costabeber e Moyano (2000, p 1), “o associativismo vem sendo utilizado por agricultores familiares para enfrentar problemas que surgem ao introduzir-se novas práticas agrícolas e de gestão de suas propriedades, problemas estes que não podem ser solucionados pela via da ação individual”. A possibilidade dos demais produtores familiares do município, ao se unirem em oposição à ação isolada do agricultor aqui pesquisado, aproveitando a associação já existente na feira, facilitará na ocasião de enfrentar futuros obstáculos para conquista de um novo mercado de atuação.

Porém, com base nas discussões anteriores e dados apresentados, averiguou-se que na propriedade familiar em questão o crescimento pode trazer problemas à família, visto as experiências negativas que já tiveram com contratação de mão de obra, e também em virtude da família ser pequena. Embora a situação atual vista seja de equilíbrio, ou seja, conforme apresentaram os autores Fernandez e Garcia (2001), a propriedade familiar está em situação de sustentabilidade, apresentando-se num sistema de autossuficiência. Ainda conforme os autores Fernandez e Garcia (2001, p.23):

A autonomia, finalmente, tem a ver com o grau de integração ou controle dos agroecossistemas refletido no movimento de materiais, energia e informações entre as partes que o compõem e entre o agroecossistema e o ambiente externo. A auto-suficiência de um sistema de produção se relaciona com a capacidade interna para disponibilizar os fluxos necessários para a produção. Quer dizer, a autonomia de um agroecossistema descenderá na medida em que se incrementa a necessidade de ir ao mercado para continuar.

Desse modo, a alimentação da sociedade, seja a nível municipal, ou ainda a nível nacional, há de evoluir no quesito distribuição, e acredita-se que isto esteja ligado diretamente às questões de distribuição de renda e inclusão social. E, assim, não se pode pensar que apenas retomar as origens, ou seja, abandonar os monocultivos em favor do retorno as pequenas propriedades familiares, seria a solução para a questão da alimentação. Conforme Fernandez e Garcia (2001, p. 23):

Quer dizer, entretanto, que ainda que cumprindo-se todos os requisitos de um desenvolvimento rural sustentável (alcançar altos níveis de produtividade, com produções estáveis e equitativamente distribuídas, mediante sistemas de produção autônomos que, ademais, tenham capacidade para manter os níveis de produtividade ao serem submetidos a forças distorcionadoras), a experiência demonstra que podem existir conflitos entre este grupo de propriedades. Nos referimos, por exemplo, a melhorias na produtividade que afetam negativamente a sustentabilidade dos agroecossistemas ou a obtenção de um grau de autonomia maior as custas da estabilidade.

Logo, quando se pensa em soluções possíveis à alimentação, deve-se pensar na forma de vida do agricultor, e se mudanças, modificações e/ou intervenções seriam bem vindas àquela propriedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os desafios e oportunidades que a família de produtores familiares enfrenta no dia a dia em sua propriedade agrícola, identifiquei que são motivados a trabalhar o método produtivo de base ecológica devido a satisfação que eles têm em produzir e comercializar alimentos mais saudáveis, a freguesia conquistada e que prefere os produtos produzidos naquela UPA, o sucesso de serem empreendedores, donos da propriedade e do negócio familiar, o fato de não manusearem produtos e insumos químicos, além de terem atingido a estabilidade econômica na propriedade.

Assim ficou evidente que os fatores que incentivaram o produtor a trabalhar com a produção de base ecológica foram, primeiramente, a necessidade de ser autônomo, de ter um negócio próprio, segundo foi oferecer à comunidade a possibilidade de acesso a um tipo de alimento diferenciado dos triviais, que são comercializados em mercados e feiras, ou seja, alimentos livres de agrotóxicos, insumos e adubos químicos, e em terceiro, exercer um trabalho que lhe trouxesse alegria e satisfação, e que não prejudicasse a saúde na hora do trabalho.

Quanto à satisfação dos moradores da UPA em relação aos resultados produtivos, considero que está do agrado deles, visto que a propriedade se encontra no limite máximo de produção, e mesmo assim são capazes de atender a demanda dos consumidores que frequentam as feiras; o produto resultante do trabalho deles é valorizado pelos consumidores e o manejo na horta não interfere na saúde dos agricultores.

Quanto à situação comercial atual, mesmo o preço de venda sendo inferior aos dos mercados e feiras, o retorno satisfaz as necessidades da propriedade e dos moradores, tem clientes fixos tanto na feira de casa quanto na feira da cidade, portanto os produtos são bem aceitos no mercado local e satisfazem as necessidades, tanto dos produtores da UPA quanto dos consumidores locais.

O tema não se esgota aqui, pela sua efetiva importância e atualidade, mas acredita-se que, com o presente estudo, foi possível aprofundá-lo um pouco mais e promover reflexões que permitiram concluir acerca da importância e viabilidade da produção e benefícios desses produtos de base ecológica da propriedade familiar.

REFERÊNCIAS

- ASSAD, Maria; ALMEIDA, Jalcione; Agricultura e sustentabilidade. **Revista Ciência & Ambiente**. N. 29, 2004. p. 15-30. Disponível em <http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/427.pdf>, acesso em 23.Mai.2013.
- CAPORAL, Francisco e COSTABEBER, Jose Antonio; Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre: v.3, n.2, p.13-16, 2002.
- CONTERATO, Marcelo; FILIPPI, Eduardo. **Teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (Série Educação a Distância).
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. E. **Transição agroecológica e ação social coletiva**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre: 2000. Disponível em <<http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n4/13-artigo3.htm>>, acesso em 04.Jun.2013.
- FERNANDEZ, Xavier Simon; GARCIA, Dolores Domingues. **Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica**. Porto Alegre: v.2, n.2, 2001. Disponível em <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=18048>, acesso 10.Dez.2012.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. (Série Educação a Distância).
- GUZMÁN, Eduardo S. **A perspectiva sociológica em agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas**. 2001. Disponível em <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=18048>>, acesso em 10.Dez.2012.
- IBGE. **Censo demográfico**. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430270#>>, acesso em 25.Mai.2013.
- KALISKI, Aline; FERRER, Tânia Rodrigues; LAHM, Regis A. Análise temporal do uso do solo através de ferramentas de geoprocessamento - Estudo de caso: município de BUTIÁ/RS. **Para onde!?** Porto Alegre: v. 4, n. 2, s/n, jul./dez. 2009. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/22112/12874>>, acesso em 25.Mai.2013.
- MACHADO, Altair Toledo. et al. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF: 2008. Disponível em <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=18048>>, acesso em 10.Dez.2012.
- MARQUES, Juliane. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa Ecocitrus – Vale do Caí, RS**. Porto Alegre: 2009. Disponível em <http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes_teses_lista.php?menu=4&codMenu=21&categoria=3&curso=2&ord=1>, acesso em 03.Jun.2013.
- MARTINS, Gustavo; GUTTERRES, Luciano M.; VIANA, Paulo R.; **Práticas agroecológicas na agricultura familiar**. Cartilha. Maquine – RS: 2011.

PAULUS, Gervásio; SCHLINDWEIN, Sandro L. **Agricultura sustentável ou (re) construção do significado de agricultura?** 2001. Disponível em <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=18048>, acesso em 10.Dez.2012.

SOUZA, Michele. **Relatório de Estágio realizado na propriedade de produção familiar de Leonel – Butiá/RS.** Arroio dos Ratos, 2011.

STRECH, P. et al.; **Solos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Universidade, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO AO PRODUTOR RURAL

- 1- Trabalhou em outros ramos profissionais?
- 2- Quais foram as motivações para iniciar o trabalho de agricultor?
- 3- Quando iniciou as atividades de produtor rural?
- 4- Trabalhou como empregado rural ou sempre foi autônomo?
- 5- A área rural da UPA é própria ou arrendada?
- 6- Se a propriedade é própria, como foi adquirida?
- 7- Quem da família participa das atividades rurais?
- 8- Quem é responsável por qual tarefa?
- 9- O método escolhido para produção foi orientado por alguém?
- 10- A produção é certificada como orgânica?
- 11- Qual a importância de trabalhar com produtos orgânicos?
- 12- Qual a importância da feira municipal para a UPA?
- 13- Comercializa os produtos em outros lugares?
- 14- Possui outra fonte de renda além da produção agrícola?
- 15- Tem interesse em aumentar a produtividade?
- 16- Tem interesse em diversificar a produção?
- 17- A UPA recebe acompanhamento técnico?
- 18- Quem faz o acompanhamento e de que maneira é feito?
- 19- Conte sobre a trajetória do grupo do qual a família faz parte:

**APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIO PARA O TÉCNICO
(PREFEITURA E/ OU EMATER)**

- 1- Quantos produtores agrícolas familiares há no município?
- 2- Há um acompanhamento junto aos produtores familiares do município?
- 3- Se existe, de que forma é realizado, e quem o faz?
- 4- Quantas famílias trabalham com produção orgânica?
- 5- Há procura por produtores sobre como trabalhar com horta orgânica?
- 6- Quem orienta sobre o método produtivo de base ecológica?
- 7- De que forma é feita a orientação?
- 8- Há políticas públicas para o Desenvolvimento Rural com o método produtivo de base ecológica?
- 9- Se existem, quais são as políticas públicas?
- 10- Tais políticas são aplicadas nas UPAs do município?

**APÊNDICE 3 : TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E
ESCLARECIDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME:

RG/CPF:

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**A PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA EM UMA UNIDADE DE PRODUTIVA AGRÍCOLA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE BUTIÁ**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “A PRODUÇÃO DE BASE ECOLÓGICA EM UMA UNIDADE DE PRODUTIVA AGRÍCOLA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE BUTIÁ ” – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo analisar as motivações do produtor familiar para trabalhar com os métodos produtivos agroecológicos.

A minha participação consiste na recepção do aluno Michele Almeida de Souza para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Butiá, 25/01/2013